

**É preciso desenhar:
Feminismo e outras
vertentes**



EDITORA INOVAR

INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA
CAMPUS PATOS

É PRECISO DESENHAR: FEMINISMO E OUTRAS VERTENTES

PROJETO DE EXTENSÃO
2020

Copyright © das autoras e dos autores.

Todos os direitos garantidos. Este é um livro publicado em acesso aberto, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que sem fins comerciais e que o trabalho original seja corretamente citado. Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Internacional (CC BY-NC 4.0).



Catálogo na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

P923

É preciso desenhar: feminismo e outras vertentes / Ana Luiza Felix Severo
(Coordenadora) – Campo Grande/MS: Inovar, 2021.

41 p., il.

ISBN 978-65-86212-71-6

DOI 10.36926/editorainovar-978-65-86212-71-6

1. Feminismo. 2. Mulheres. 3. Movimentos sociais. 4. Mudança cultural. I. Severo, Ana Luiza Felix (Coordenadora). II. Título.

CDD 305.42

Índice para catálogo sistemático

I. Feminismo : Mulheres

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA

Jair Messias Bolsonaro
Presidente da República

Milton Ribeiro
Ministro da Educação

Ariosto Antunes Culau
Secretário de Educação Profissional e Tecnológica

Cícero Nicácio do Nascimento Lopes
Reitor do IFPB

Mary Roberta Meira Marinho
Pró-Reitora de Ensino

Silvana Luciene do Nascimento Cunha Costa
Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação

Manoel Pereira de Macedo Neto
Pró-Reitor de Assuntos Estudantis

Pablo Andrey Arruda de Araújo
Pró-Reitor de Administração e Finanças

Maria Cleidenedia Moraes de Oliveira
Pró-Reitora de Extensão e Cultura

José Ronaldo de Lima
Diretor Geral do IFPB Campus Patos

Demetrius Oliveira Gomes
Projeto gráfico e diagramação

Raoni Xavier
Ilustrações

Angela Araujo Nunes
Logo do Projeto de extensão

Ana Luiza Felix Severo
Revisão Técnica

Sabia que nenhum projeto se faz só? Na verdade nada na nossa vida, sempre precisamos de pessoas ao nosso lado, por causa disso é preciso

Agradecer

Agradecemos o financiamento da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura do Instituto Federal da Paraíba, na pessoa do coordenador George Glauber Felix Severo, e também do Instituto Federal da Paraíba, Campus Patos, nas pessoas do coordenador da extensão Leonardo Navarro Fernandes Freire e do diretor do Campus José Ronaldo de Lima.

Agradecemos a participação de todos e todas as voluntárias do projeto que se uniram para desenvolver a extensão e ampliar a rede de colaboração e participantes e que foram muito importantes para a primeira fase do projeto de extensão.

Agradecemos a docente Angela Araújo Nunes pela criação da logomarca do projeto de extensão.

Agradecemos aos participantes que se inscreveram no evento, que foi a primeira fase do projeto de extensão.

Agradecemos ao Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (NAPNE) do IFPB

Patos na pessoa da coordenadora Susana Cristina Batista Lucena por tornar este material acessível.

Agradecemos à servidora Amanda Tamires dos Santos Silva Falcao pela interpretação em Libras.

Agradecemos à Coordenação de apoio às pessoas com necessidades específicas do IFPB Campus João Pessoa pela impressão deste material em Braille, na pessoa da coordenadora Josineide Castro Lima.

Agradecemos aos servidores Raoni Xavier Lucena por fazer as ilustrações e também a Demetrius Oliveira Gomes por diagramar a cartilha em um curto espaço de tempo.

Agradecemos nominalmente a Maria Alice, Vanessa Machado, Liriel Torres, Gerluzia Vieira, Dayane, Jennifer Andrade, Viviane Farias, Rebeca Vieira, Ana Zulema, Deisi Pereira, Márcia Letícia, Hannah Lacerda e Leila Simplício por fazerem parte da organização do evento - primeira etapa do projeto.

Agradecemos às autoras da cartilha Vanessa Machado, Márcia Letícia, Viviane Farias, Jennifer Andrade, Liriel Torres, Dayane Medeiros, Gerluzia Vieira, Leila Simplício, Rebeca Vieira, Ana Luiza, Zulema Nóbrega e Hannah Lacerda.

Agradecemos a todas as pessoas que colaboraram para que este material se tornasse possível.



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

LINHAS PRELIMINARES

2 CULTURA

2.1 A CULTURA E A MUDANÇA DE PARADIGMA

2.2 A MULHER NA POLÍTICA E A SUA REPRESENTATIVIDADE

2.3 A BELEZA DA MULHER COMO UM PRODUTO PADRONIZADO

2.4 A SAÚDE DA MULHER QUANDO ELA VAI PARIR

2.5 A ESCRITA FEMINISTA NA LITERATURA

2.6 A LEITURA E A INTERSECCIONALIDADE COMO INSTRUMENTOS FEMINISTAS

2.7 A ARTE E O FEMINISMO E OUTRAS VERTENTES

2.8 A IMPORTÂNCIA DAS MULHERES NA AGRICULTURA FAMILIAR

2.9 TECNOLOGIA E FEMINISMOS

2.10 MULHERES E TECNOLOGIA

2.11 DIREITO DIGITAL E FEMINISMOS

GLOSSÁRIO

INDICAÇÕES DE AUDIOVISUAL

INDICAÇÕES DE LEITURA

REFERÊNCIAS

Agora é importante saber como eu nasci, afinal de contas tudo tem um porquê. Conheça a história deste material.



Apresentação

Feminismo e outras vertentes busca ampliar todos os movimentos sociais que buscam a equidade entre homens e mulheres, independentemente de status social, cor, raça, etnia, mas entendendo que cada um desses grupos possuem peculiaridades e lutas de acordo com as suas vivências, experiências.

Compreendendo isso, nenhum movimento deve ser excludente, mas cada um possui legitimidade para lutar a fim de modificar aquilo que mais lhe limita, fere ou inferioriza independentemente de quem é o outro.

Logo, feminismo e outras vertentes é o reconhecimento de que o feminismo não pode ser tratado como movimento único e que engloba todas as mulheres, mas trazer o destaque para a interseccionalidade, mulherismo africana, feminismo negro, transfeminismo, mulherismo africano.

É preciso desenhar: feminismo e outras vertentes nasceu com a propositura de mostrar a seara do feminismo e outras vertentes dentro de temáticas variadas, este projeto de extensão é uma continuidade do projeto Mulheres do século XXI, que propôs um evento pensado para mulheres e organizado por mulheres de várias instituições, como IFPB, IFRO, UFRN, UFPB, UFCG, UFSC, UFBA, UCAM, Coletivo Em Nome das Marias, Movimento Olga Benário (Paraíba).

A finalidade é atingir o público diverso para conhecer a temática e, espera-se, colaborar para a mudança cultural para uma sociedade justa, livre, solidária, antirracista, não homofóbica, inclusiva e habitada por diversos seres vivos.

Vamos construir o mundo que queremos a partir da mudança individual de pensamento.

Divulgue este material, use nas suas aulas, cite no seu artigo, livro e compartilhe nas redes sociais.

Propague conhecimento para a (in)formação de pessoas e mudança de paradigmas.

Ana Luiza Felix Severo
Coordenadora do projeto de extensão

Linhas Preliminares

O projeto de extensão Mulheres do século XXI e É preciso desenhar: sobre feminismo e outras vertentes, nasceu pela necessidade em ter um grupo para formar e informar, desconstruir e construir, ressignificar e mudar paradigmas a partir das novas vivências, por isso, traz o nome mulheres em seu título.

O século XXI fica a cargo da inspiração nos objetivos da Agenda 2030 da ONU, e quem senão as mulheres a propor discussões para um mundo mais equânime?

Nascida no século XX em um país não democrático, com ancestralidade abusada, escravizada, queimada, revolucionária e inconformada, fez de mim e tantas outras mulheres a aprender a lutar, resistir, vencer e driblar toda a estrutura patriarcal.

Mulheres do século XXI não se trata de mulheres nascidas nos anos 2000, mas mulheres que lutam para anos 2000 melhores do que os séculos anteriores, pois estamos em pleno século XXI e, ainda, na primeira oportunidade, somos roubadas de nós, abusadas, escravizadas, queimadas e continuamos a ser o que eram a nossa ancestralidade. Nossa descendência também terá no inconsciente essas nossas lutas para aprender a lutar, resistir, vencer e driblar, pois da mesma forma que não se nasce mulher, não se nasce feminista, mulherista ou outra vertente. Então, é preciso disseminar, cada vez mais, informação para que cada mulher no seu ser consciente, torne-se dona de si e, ao mesmo tempo, coletiva.

Ana Luiza Felix Severo
Coordenadora do projeto de extensão

Vamos falar de cultura?

Cultura não está ligada só às artes, cultura é o modo de vida de uma sociedade, são as decisões tomadas por cada coletivo que fazem gerar leis que espelham determinada sociedade. Cultura é o valor da sociedade é o recurso que nos diferencia perante outros e também nos caracteriza entre nós (mesmo grupo social).

Para resumir, é um tema importante e que abrange vários aspectos, para falar a verdade, são tantos que nem caberiam neste material, por isso selecionamos alguns temas para conversarmos.

- ✓ Quer ver quais são?
- ✓ A cultura e a mudança de paradigma
- ✓ A beleza da mulher
- ✓ Vamos iniciar a leitura?



A Cultura e a mudança de paradigma¹

Você sabia que todos os direitos adquiridos hoje por nós mulheres foram por meio de muitas lutas e enfrentamentos?



1. Texto elaborado por Gerlúzia Vieira de Moraes, membra do projeto de extensão Programa mulheres mil: As mulheres do século XXI (Edital n. 26/2019) - Fortalecimento núcleos de extensão; e É preciso desenhar: feminismo e outras vertentes (Edital n. 21/2020 - Grupos e coletivos) como parceira social. É professora e ativista do Movimento Olga Benário da Paraíba.

Pois é! Durante muitos anos, nós desempenhamos na sociedade um **papel secundário**, cheio de restrições, como a proibição de não votar e ser votada, e por incrível que pareça, andar desacompanhada de uma figura masculina – pai, marido, tio ou primo -, era mal visto pela sociedade da época. Além disso, só podíamos trabalhar como professoras.

Todo aquele cenário era bem característico da **sociedade patriarcal** brasileira, que começou no período colonial e que está presente até hoje. O modelo patriarcal tem como principal característica a figura do pai – o patriarca e o administrador de grandes extensões de terras. No patriarcado privado, as mulheres eram subordinadas ao pai e depois ao marido, estes, por sua vez, exerciam um **papel opressor**, procurando excluir as mulheres da vida privada. Mas isso ainda permanece, principalmente quando os homens acham que nós mulheres somos propriedades e devemos obediência.

Mas não ficamos paradas, é claro! Aqui no Brasil partimos para a luta sob forte influência da primeira onda feminista do século XIX, ocorrida na Inglaterra e nos Estados Unidos, cujas mulheres lutavam por **igualdade de direitos** entre homens e mulheres, desencadeando, assim, vários protestos e sucessivas **ondas feministas**. Apesar disso, é preciso também dizer que essa luta foi liderada por mulheres brancas e da **elite social**, as mulheres brancas e pobres passaram a participar posteriormente dessa luta. E, infelizmente, a luta não abarcou as mulheres pretas porque as reivindicações da elite branca eram diferentes da real necessidade que tinham as mulheres pretas.

A partir da década de 1920, a luta por direitos iguais se iniciou no Brasil e teve ponto positivo, pois nós tomamos coragem e começamos a exigir a **quebra de paradigmas** para termos mais espaços nas esferas privada e pública.

A década de 1930 foi marcada pela luta e conquista de votar e sermos votadas, e a primeira vitória veio com Bertha Lutz, em 1932 ao ficar na suplência parlamentar.

A segunda onda feminista ocorreu na década de 1960 e a sexualidade era a pauta da vez, pois o sexo passou a ser também como fonte de prazer para as mulheres. Essa liberdade sexual foi possível com o surgimento do anticoncepcional, quando nós passamos a separar o sexo para o amor e para a maternidade. Ademais, outras discussões surgiram a partir da **liberdade sexual**, como o aborto, **planejamento familiar, controle de natalidade feito pelo Estado e políticas públicas para nós mulheres**.

Mas não pense que foi só isso, desde a forma de nos vestirmos até como nos sentamos também foi pauta para muita luta. Afinal de contas, podemos vestir o que quiser sem que isso signifique um convite para sexo.

A terceira onda feminista ocorreu na década de 1980, e só agora abarca as causas racial e de classe social. Outra mudança foi a propositura de núcleos de estudo, discussões acadêmicas e a luta contra a ditadura militar. Precisamos ter uma luta pelo protagonismo feminista seja por parte do feminismo branco, negro e do mulherio africano. A luta ainda é grande e os desafios continuam!

A mulher na política e a sua representatividade²

Você lembra que anteriormente falamos de Berta Lutz ser a primeira mulher na suplência parlamentar em 1932? Então, pouca coisa mudou e para você entender eu preciso te contar uma estória. Vamos lá?

Eu tenho uma tia que se chama Maria, aos 10 anos de idade ela foi ao shopping comprar uma boneca, mas como não havia nenhuma que se parecesse com ela, acabou comprando qualquer uma porque queria brincar. Hoje ela está com 24 anos de idade e quando tem eleição sempre procura alguém que a representasse, mas como não encontrou, votou em qualquer um porque precisava votar.

Outro dia, ouvi pela televisão o discurso de uma atriz internacional, o nome dela é Michelle Williams (Globo de Ouro, 2019), ela dizia que nós mulheres precisamos votar pelos nossos interesses, ou seja, pelas causas feministas porque os homens votaram dessa forma há anos.

O mais surpreendente é que somos a maioria quantitativa, isto é, há mais mulheres votantes, mas somos a minoria quando nos referimos às candidaturas e também à elegibilidade. Sou estranho? Não para aí, também somos minoria em cargos de chefia e com poder de decisão.

2. Texto elaborado por Vanessa Medeiros Machado, bolsista do projeto de extensão Programa mulheres mil: As mulheres do século XXI (Edital n. 26/2019) - Fortalecimento núcleos de extensão; e É preciso desenhar: feminismo e outras vertentes (Edital n. 21/2020 - Grupos e coletivos). Membro do coletivo Em nome das Marias.

Então, a minha proposta é ouvir e apoiar mais mulheres, falar o que realmente queremos e votar em mulheres. Assim poderemos pensar em um lugar que seja bom para nós e também para todos.

Representatividade é tudo isso que falamos, na política é a decisão de uma pessoa que representa outras ou um coletivo e faz isso se comprometendo com o representado. Na Democracia fazemos isso escolhendo representantes. Por isso, é preciso que essa diferença seja suprimida a partir da mudança de paradigmas de nós mulheres e passarmos a ser representantes e representadas.

A importância de que as atitudes da minha tia Maria não se repitam é imensa, o voto não pode ser apenas uma obrigação a fim de exercer a cidadania. Precisamos educar crianças feministas e também para a vida pública e política para que no futuro mais mulheres estejam nesses cargos.

Afinal de contas, nossa representante não basta ser mulher, mas precisa lutar pelas causas feministas para mudarmos dados como o da Organização das Nações Unidas (ONU) e da União Interparlamentar de que o Brasil está no 152º em representatividade feminina na política e sairmos da lista entre os piores países em termos de representatividade feminina na política, em pleno século XXI.

Em nome de todas as Marias que já tiveram seu voto perdido por terem feito escolhas ruins, vamos mudar essa realidade. Lute, vote e mude o mundo como uma mulher.

A beleza da mulher como um produto padronizado³

A representatividade é tão importante que quando não nos reconhecemos, procuramos outras formas de fazer isso. Quando eu era criança sempre quis me parecer como as personagens do desenho que eu via, principalmente as princesas. E isso não muda quando crescemos, fica lá no inconsciente à espera do príncipe ou se transforma em ação na eterna busca pelo cabelo, corpo, pele perfeitas e desejando sempre o inatingível para agradar colegas da escola, faculdade e depois a pessoa que irá nos contratar.

14 Essa eterna busca nos prejudica em todos os sentidos, tanto psicologicamente, quanto fisicamente, pois nos tornamos alvos fáceis para variados tipos de tratamento que prometem milagres. Consequentemente, adoecemos e sofremos com dietas malucas, algumas vezes com distúrbios alimentares e, em outros casos, nos arriscamos em cirurgias plásticas com pessoas que fingem ser especialistas.



Podemos ser difíceis nos aceitarmos do jeito que somos, principalmente quando a pressão social exige o que você deve fazer. Mas devemos nos lembrar que nós somos lindas e, algumas vezes, só precisamos descobrir a nossa beleza além dos padrões impostos, mas que isso também não te impede de procurar produtos ou tratamentos que você queira fazer, só precisamos sempre nos lembrar que se quisermos mudar, mudamos, mas mudaremos por nós mesmas!

A saúde da mulher quando ela vai parir⁴

Além de sermos alvos fáceis para o mercado da beleza, estamos também mais vulneráveis à violências médicas e isso muitas vezes ocorre em um momento delicado que é o ato de parir.

A maternidade é o momento de grandes mudanças hormonais e também de alteração física. Algumas mulheres consideram o momento especial, outras já defendem que a maternidade deve ser mostrada como ela, a tal da maternidade real. Você já leu isso em alguma matéria ou rede social?

A **maternidade real** chama atenção da sociedade a fim de parar de romantizar o momento de grandes mudanças para a mulher que acabou de ser mãe como também para a família que se forma, seja ela de mãe solo ou não. Mas independentemente disso, o mais importante é lutar por um ato de parir mais humano.

Afinal, muitas de nós somos desrespeitadas nesse momento e a **violência obstétrica** ocorre como se fosse uma ação médica normal. Ainda bem que nós estamos cada vez mais nos informando sobre isso para ajudar outras mulheres que desejam parir ou fazer com que as mulheres que sofreram a violência obstétrica entendam o que é isso e passem a somar conosco.

Lamentavelmente, tem se tornado comum sermos tratadas com grosserias e sofrermos diversos tipos de preconceitos, humilhações, abusos e desrespeitos pelo simples fato de sermos mulheres e estarmos em um momento de fragilidade que é o ato de parir.

Há várias definições para o termo violência obstétrica, mas sem dúvidas é uma violência de gênero, até porque só nós podemos parir. Ela ocorre quando há práticas, procedimentos e condutas médicas que possam desrespeitar, agredir e tornar a experiência de parir um trauma.



Na prática, são atos agressivos que podem ser físicos, psicológicos ou negligências médicas. Além disso, a violência obstétrica também pode se dar de forma estrutural quando o hospital não oferece segurança necessária ou o sistema de saúde falha no atendimento.

Lamentavelmente, as mulheres pretas são as quem mais sofre a violência obstétrica quando está diretamente ligada com estereótipos, por exemplo, quando uma mulher preta de quadril largo vai parir, tentam, a todo custo (às vezes da vida da mãe ou da criança), o parto tradicional porque de normal e natural não tem nada; outras vezes os profissionais da saúde se acham juizes ao querer dar lições para mulheres que fogem do padrão percebidos por eles.

Vamos ver alguns procedimentos desnecessários que são considerados violências obstétricas?

- 1) Episiotomia é o corte na região do períneo;**
- 2) Uso de ocitocina para acelerar o trabalho de parto e saída de bebê, a consequência é o aumento da dor só que com intensidade maior;**
- 3) Manobra de kristeller que é o ato de pressionar a parte superior do útero para acelerar a saída do bebê, muitas vezes chamado de empurrãozinho.**

Importante dizer que nós fazemos um plano de parto e podemos solicitar o que quisermos, inclusive algum dos três pontos citados, mas se não for solicitado já se transforma em violência.

O mais assustador é que muitos manuais da medicina recomendavam aqueles procedimentos sem a verificação da real necessidade, tudo com intuito de acelerar o parto ou qualquer outra justificativa que a equipe médica tivesse naquele momento.

Se você foi vítima ou conhece alguma mulher que foi, mostra o passo a passo para ela saber como deve fazer:

Primeiro, sempre busque uma advogada, coletivo feminista ou defensora pública, mas nunca fique só neste momento, o apoio de pessoas juridicamente informadas é necessário.

1. Ligue 180, este número você pode usar para qualquer tipo de violência contra a mulher, com você ou com outras;
2. Ligue 136, é o número do disque Saúde, nele você poderá registrar a sua manifestação;
3. Faça a Reclamação na ouvidoria do hospital – lembrando sempre de exigir o número do protocolo;
4. Faça a Reclamação na ouvidoria da Secretaria de Saúde do Município e Estado;
5. Denuncie na Agência Nacional de Saúde (o sistema for Privado);
6. Denuncie no Ministério da Saúde;
7. Denuncie o hospital ao Ministério Público;
8. Ingresse com representação administrativa junto ao Conselho Regional de Medicina;
9. Ingresse uma ação indenizatória pedindo reparação pelos danos causados.

A escrita feminista na literatura⁵

Agora vamos falar um pouco sobre a cultura conectada às artes, que tal? Para esta primeira parte será abordada a escrita feminista na literatura, especialmente no Brasil.

A escrita foi durante muito tempo a forma que somente os nobres e homens se comunicavam. Por muitos séculos foi o instrumento de comunicação proibido às mulheres, na Idade Média chegavam a condenar mulheres que ensinassem a outras ou escrevessem protestos. Depois, a escrita começou a ser ensinada para as mulheres nobres, mas claro que isso estou contando de uma forma geral. Até porque sempre existiu algum lugar ou família que quebrava os paradigmas impostos socialmente.

A partir da escrita podemos revisitar o processo da hierarquia de gênero, classe social e raça, como também os registros de manifestações e condenações de mulheres acusadas entre outras coisas de sermos bruxas.

Mas uma coisa ninguém duvida, quem dominava o poder da escrita na época em que boa parte da população não era alfabetizada, seja porque não era a sua língua



5. Texto elaborado por Jennifer Andrade Bulcão, bolsista do projeto de extensão Programa mulheres mil: As mulheres do século XXI (Edital n. 26/2019) - Fortalecimento núcleos de extensão; e É preciso desenhar: feminismo e outras vertentes (Edital n. 21/2020 - Grupos e coletivos). Membro do coletivo Em nome das Marias.

nativa ou porque não havia interesse em investir em políticas públicas educacionais, tinha um grande poder sobre os demais, seja ele estrutural, intelectual, proprietário e psicológico.

Passados alguns longos séculos, a literatura passou a ser um espaço para relatar experiências vividas, contos e histórias. (destaque para a passagem do tempo)

Agora a escrita é um local de disputa, pois nós reivindicamos mais espaço para a difusão das nossas escritas, do feminismo e outras vertentes. Portanto, passamos de leitoras à precursoras da nossa escrita. A disputa ocorre quando os homens ainda querem dominar o mercado e os bancos de autoridade de referência, como ocorre aqui no Brasil. Mas nós mulheres passamos a usar meios alternativos como editoras independentes, o faça você mesma e até mesmo organização social de mulheres para fundar editoras. Agora, não precisamos nos disfarçar para que nossas obras sejam reconhecidas positivamente pelo meio social, não precisamos usar pseudônimos masculinos ou pedir que uma figura masculina assine a nossa obra.

Além disso, a desconstrução de uma forte hierarquia foi e ainda é importante, a escrita de uma literatura feminista vem acentuando a presença de escritoras fantásticas, que são mulheres que falam de si, mas também abrem voz para todas as manifestações individuais abordando as culturas, o respeito à diversidade, a representatividade social, de raça e gênero, proporcionando que outras pessoas se sintam representadas e incluídas nas escritas.

Temos vários exemplos de mulheres escritoras que conseguiram o reconhecimento desse grupo que se sente representado por suas escritas, pouco importando se não houve acolhimento classista, pois não é isso que imortaliza uma escritora.

Conceição Evaristo é o exemplo de uma escritora brasileira que veio de origem humilde, além de ser forte representatividade na questão racial, ela tem diversas obras relacionadas à romance, contos e poesia, como Olhos d'água e Becos da memória.

Portanto, a diversidade de gênero feminista na escrita propiciou nova gama de textos importantes e essenciais, além de modificar um grupo que era excluído literalmente, mas nós fazemos diariamente a luta para nos inserirmos e lutarmos para a mudança de paradigmas a fim de desconstruir a escrita como um único padrão imposto por um grupo.

A leitura e a interseccionalidade como instrumentos feministas⁶

Você sabia que a escrita e leitura estão tão juntas que é quase difícil separar esses temas para o debate, mas a nossa intenção é mostrar o quanto as mulheres que escrevem passam pelo processo de invisibilização de ser lida e isso piora quando se trata de mulheres pretas, do campo, indígena, ou seja, quando a **interseccionalidade** se faz presente.

Na nossa literatura nomes masculinos sempre são os que vem a tona, nos estudos escolares, nas **narrativas infantis**, nos poemas que ouvimos na infância; somente no ensino médio é que são introduzidas algumas leituras de escritoras, como: Adélia Prado, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Cora Coralina e outras, mas o rol continua limitado e nem sempre ultrapassam as barreiras dos ensinamentos laterais dos colégios.

Ler mulheres representa não só um ato político literário, mas uma desobediência diante do **sistema patriarcal**, que reduz a **visibilidade de mulheres** na escrita, para manter **padrões arcaicos**. Assim como a leitura nos leva a lugares, nos permite saber e instiga inquietações, ela carrega uma resistência que é passada de quem escreve, para quem ler, de quem ler, para quem a compartilha, criando um movimento de pertencimento e de posicionamento no mundo, como a literatura de Maria Firmina, que se torna um marco com o livro Úrsula (1859), **escrita abolicionista**, afro e sobretudo uma das primeiras romancistas do país.

As escritoras clássicas citadas estão caminhando em uma marcha que as autoras negras, sertanejas, índias (nativas) e de outras etnias e grupos identitários não seguem, por conta dos reflexos sociais, isso não quer dizer que essas tiveram acesso e visibilidade maiores, mas que conquistaram espaços que foram sendo consolidados na nossa sociedade.

Hoje temos maior alcance de escritoras para lê-las, como:

1. Conceição Evaristo, tendo um dos seu livros o Insubmissa Lágrimas de Mulheres, que traz em formato de contos histórias de dores femininas;
2. Maria Carolina de Jesus, que mesmo com o sucesso do primeiro livro Quarto De Despejo- Diário De Uma Favelada (1960), teve uma invisibilidade posterior ao lançamento e volta a ter sua escrita ressaltada pós morte;
3. Cidinha da Silva com o livro Sobre-viventes!, que traz um olhar volta as inúmeras sobrevivências diante do sistema racista;
4. Lourdes Ramalho com escrita da mulher sertaneja e sobre o universo feminino;
5. Cida Pedrosa, que acaba de ganhar título do livro do ano através do prêmio Jabuti, por conta do livro Solo Para Vialejo;
6. A índia Aline Rochedo Pachamama-Churiah Puri, que é pertencente a etnia Puri, vem publicando seu livros e poesias e sendo uma grande ampliadora da cultura nativa, principalmente do trabalho através da Pachamama Editora, que é formada por mulheres indígenas e tantas outras que vem abrindo caminhos e trazendo a vida, mesmo que dolorida, para a luz do caminho literário e de resistência, que a marcha seja uma luta vivida, expressada e lida por diversas.

A Arte e o feminismo e outras vertentes⁷



Além da escrita, a arte feminista como um todo passou por um processo de crítica, exclusão para depois alcançar a aceitação, mas até determinado limite imposto por um grupo da sociedade. Por causa disso, nos reunimos para reivindicar o nosso espaço fazendo a arte que queremos representar nosso cotidiano, cultura e relações sociais.

A arte é uma maneira de representar um sentimento, uma cultura, a sociedade e o meio em que vivemos, de forma objetiva ou não. E é por meio dessa expressão que muitas artistas brasileiras encontraram uma forma de criticar a opressão vivida por diversas mulheres no cotidiano.

O termo específico para esse tipo de movimento artístico é o *Artivismo Feminista* que tem uma nova visão de arte, política e feminismo. As intervenções do *Artivismo Feminista* estão relacionadas com preconceitos do tipo religioso e étnico-raciais, desigualdades socioeconômicas, machismo, entre várias outras.

Para intervir e protestar por meio da arte não é preciso ser uma artista profissional, mas desejar expressar suas causas e manifestações por meio da arte. Sempre é importante registrar alguns nomes para a posteridade, por causa disso trouxemos algumas artistas feministas para você conhecer:

Márcia Pinheiro de Oliveira (1959-2005) foi uma artista plástica brasileira que depois adotou o nome de Márcia X. O conceito de suas obras é o questionamento cultural e

o poder de instituições. Na sua obra Pancake (2001), a artista despeja em sua cabeça várias latas de leite condensado depois peneira confeitos em cima da sua cabeça. A performance é um questionamento de estereótipo de mulher doce, enfeitada e sensível.

Ana Petra Costa (1983-), cineasta brasileira, que produziu o documentário "Democracia em Vertigem" (2019) que foi indicado em 2020 ao Oscar na categoria melhor documentário e marcou presença na lista dos melhores filmes do ano do New York Times. O longa-metragem trata da visão de Preta em relação à crise política no final do governo do Partido dos Trabalhadores e ao *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff.

Flávia Biroli (1975-), autora e pesquisadora brasileira no gênero de feminismo e democracia. Algumas de suas obras são "Autonomia e desigualdades de gênero: contribuições do feminismo para a crítica democrática" (2013) e "Feminismo e política: uma introdução" (2014).

Rosana Paulino (1967-), artista plástica afro-brasileira, uma das suas obras mais conhecidas é a série "Bastidores" (1997), são imagens de mulheres negras com bocas, garganta ou olhos costurados, retratando o silêncio imposto pela sociedade.

Você sabia que a cultura também envolve o ato de empreender, e que isso é mais difícil quando estamos falando de **mulheres empreendedoras**. Durante muito tempo, a mulher não podia praticar atos de comércio sem autorização de um homem e isso dificultou a **independência feminina**.

Agora imagina a mulher do campo como empreendedora? Parece ser ainda mais difícil! Na verdade a mulher do campo é invisibilizada estatisticamente, mesmo sendo ela a principal mão de obra para que a agricultura familiar exista.

Agora eu vou te contar o motivo principal desse tema vir na cartilha, você sabia que o IFPB Campus Patos está localizado no sertão da Paraíba e possui discentes cujas famílias pertencem à zona rural? A nossa intenção foi contemplar a abordagem local para dar visibilidade à atividade da mulher no campo. Vamos lá?



A importância das mulheres na agricultura familiar⁸

Nos primórdios da nossa civilização havia coletamos alimentos e não fixamos moradia, ou seja, éramos **nômades**. Com o passar do tempo, descobrimos e aprendemos a usar o fogo, passamos a plantar alimentos, a domesticar animais e nos tornamos sedentários.

Quando ocorre a nossa fixação de moradia, a agricultura familiar se inicia, pois ela passou a servir como práticas da agricultura de subsistência, produzindo alimentos para consumo próprio, com participação de toda a família. A mulher se destaca nessa atividade porque fica próxima às outras tarefas destinadas à responsabilidade da mulher do campo, como a casa e filhos.

É dentro desse cenário que a agricultura familiar no Brasil se encarrega de mais de 70% dos alimentos fornecidos aos brasileiros, desde a produção de grãos até o fornecimento de leite e carnes.

Somos a peça chave para estimular os familiares a produzir outros produtos, como a produção de polpa de

frutas, complementando a renda, vendendo plantas ornamentais e, assim, reduzindo o êxodo rural.

Atualmente, a agricultura familiar se evidencia por nossa atuação, assim como a formação em **cooperativas** e **associações**, elevando o potencial do empreendedorismo nas áreas rurais, através da comercialização direta em feiras livres, incorporando produtos com preço justo.

Lutamos por espaço na agricultura familiar superando barreiras e preconceitos, a partir do momento em que nos tornamos responsáveis pela unidade produtiva familiar. Sem dúvidas, todas as mulheres camponesas vêm mostrando que podem fazer as práticas agrícolas com maior destreza, pela capacidade de observação, experiência prática agrícola e de reutilização dos resíduos, agregando valor aos produtos gerados, reduzindo as perdas, estimulando a produção e renda, expandindo a comercialização.



8. Texto elaborado por Viviane Farias Silva, membra do projeto de extensão Programa mulheres mil: As mulheres do século XXI (Edital n. 26/2019) - Fortalecimento núcleos de extensão; e É preciso desenhlar: feminismo e outras vertentes (Edital n. 21/2020 - Grupos e coletivos) como parceira social. É professora doutora da Universidade Federal de Campina Grande.

Tecnologia e feminismos⁹

Você já parou para pensar como os cursos tecnológicos durante muitos anos tiveram em sua maioria, senão 100% de alunos? E como algumas pessoas ainda buscam incentivar meninos para o raciocínio lógico e meninas para o cuidado? Isso até parece algo de séculos passados, não é?

24 O patriarcado constitui um modo de organização da sociedade marcado pela diferença entre gêneros, e nós mulheres figuramos a de inferioridade, enfrentando dificuldades para acessar direitos e oportunidades que o outro gênero goza naturalmente em uma organização social que os privilegia em detrimento do “outro”, do diferente.

Importante destacar que o referido sistema não apenas instituiu diferenças como também se ocupa de criar estratégias para mantê-las, a estas estratégias damos o nome de Tecnologias de Gênero, que são construções discursivas veiculadas pelo cinema, pela publicidade, ditados populares, anedotas e afins, e que se constroem com foco na manutenção do patriarcado, determinando os espaços a serem ocupadas por homens e mulheres numa sociedade patriarcal.



9. Texto elaborado por Márcia Letícia Gomes, voluntária do projeto de extensão Programa mulheres mil: As mulheres do século XXI (Edital n. 26/2019) - Fortalecimento núcleos de extensão; e É preciso desenhar: feminismo e outras vertentes (Edital n. 21/2020 - Grupos e coletivos). Docente do Instituto Federal de Rondônia.

Mulheres e Tecnologia¹⁰

Sempre há esperança e podemos olhar para trás e ver que temos inspirações no campo da Ciência e Tecnologia.

O patriarcado determina espaços a serem ocupados por homens e por mulheres (espaços gendrados), reforçando diferenças e empregando estratégias para evitar a ruptura das fronteiras que delimitam tais ambientes e que pessoas devem ocupá-los. Se pensarmos, nessa conjuntura, as carreiras ligadas à ciência e tecnologia, notaremos que a área tecnológica, na atualidade, vem comumente ligada à figura masculina. Convém observar, no entanto, que nem sempre foi assim, as décadas de 1940 a 1960 são marcadas por nomes femininos proeminentes em carreiras tecnológicas como Ada Lovelace e Grace Hopper; a partir da década de 1970 chegando aos dias atuais, nota-se uma diminuição do número de mulheres nestas áreas e, por outro lado, algumas iniciativas no sentido de atrair meninas e, nisso, destacamos, o programa Meninas Digitais da Sociedade Brasileira de Computação que há 10 anos busca despertar o interesse por carreiras na área de tecnologia em meninas que cursam o ensino médio buscando uma equidade no que se refere ao acesso a tais ambientes por homens e mulheres.

Direito digital e feminismos¹¹

Agora que vimos como se dá a relação entre feminismos e tecnologia, você sabia que há uma estreita relação entre o Direito digital e feminismos, e que isso está também no campo da cultura? Quebrar paradigmas para trazer o espaço tecnológico como ambiente seguro também para a mulher é a grande luta do século XXI.

26

Imagina que até a década de 1990, aqui no Brasil, quase não se usava internet e quando se fazia isso era para fins de pesquisa. Em menos de meio século demos um salto na forma de usar a internet e isso sem o tempo necessário para que a educação para a cidadania digital caminhassem lado a lado dessas transformações que impactou várias gerações e toda a sociedade mundial.

Mas antes de continuar vamos explicar o que é Direito digital, nada mais é do que uma ideia em construção de conjunto de regras e princípios que disciplina as relações entre Estado, sociedade e a tecnologia digital. No entanto, isso não se trata de um conceito, mas uma das inúmeras definições que existem por aí.

No Brasil, a internet tomou um espaço na vida da sociedade de forma muito rápida, alcançando cerca de 70% da população, mesmo que o acesso não seja igual para todos ou com a mesma qualidade. Por causa disso, a necessidade de regulação pelo Direito logo se mostrou necessária, afinal como seriam decididas as ações de fatos sociais que ocorressem dentro do ambiente digital?

Temos algumas leis importantes aqui no Brasil que são:

- Marco Civil da Internet (Lei Federal n. 12.965/2014), estabelece diversos instrumentos para o uso da internet no Brasil;
- Lei Carolina Dieckmann (Lei Federal n. 12.737/2012), tipifica crimes cometidos por meio da informática;
- Lei de Acesso à Informação (Lei Federal n. 12.527/2011), regula o acesso à informação pública;
- Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) (Lei Federal n. 13.709/2018), apresenta princípios, garantias e outras disposições para o uso seguro da internet no Brasil em relação à proteção de dados; e a
- Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, que traz na Emenda Constitucional 85/2015, o artigo 219-B a matéria sobre inovação em tecnologia.

Diante dessas leis e das leis específicas para mulheres a Teoria crítica feminista do Direito passou a correlacionar como na prática o Direito ainda reproduz o patriarcado, pois muitas vezes mesmo a mulher sendo vítima ela é tratada como ré, pois não teve cuidado suficiente com as informações dadas na internet ou enviou a foto íntima porque quis.

¹¹ Texto elaborado por Ana Luiza Felix Severo, coordenadora do projeto de extensão Programa mulheres mil: As mulheres do século XXI (Edital n. 26/2019) - Fortalecimento núcleos de extensão; e É preciso desenhar: feminismo e outras vertentes (Edital n. 21/2020 - Grupos e coletivos). Docente substituta do Instituto Federal da Paraíba.

Nesse ponto, o direito digital e feminismos precisam ainda lutar muito para que a mulher não seja transformada em ré em crimes cibernéticos, pois o que está a ocorrer é replicar no mundo virtual o que ocorre diariamente na sociedade.

Por causa disso, há grupos feministas que lutam pela criminalização de determinadas ações para que se coloque limites em ações que ferem a dignidade da mulher. E é por isso que existe o artigo 218-C do Código Penal, o qual tipifica a vingança pornográfica. Diferentemente do que ocorre com o estupro virtual que é o ato de constranger alguém a praticar algum ato libidinoso mediante ameaça e de forma virtual.

O artigo 218-C traz que disponibilizar qualquer registro audiovisual sem o consentimento da vítima que tenham cenas de sexo, nudez ou pornografia, isso crime. O crime pode ter a pena aumentada se o agente que praticou possuir uma relação de afeto com a vítima. É um tipo de crime marcado pela desigualdade de gênero, ou seja, a potencialidade de se tornar vítima é da mulher.

Outro ponto enfrentado pelas mulheres é o Cyberbullying, que são os crimes contra a honra externados no ambiente virtual, sendo nós mulheres as vítimas em especial pela estética padronizada. Lembra da conversa que tivemos sobre a beleza padronizada? Agora imagina que esse padrão vem quase como uma obrigação, ofensa ou ridicularizada na internet.

E para lutar contra o Cyberbullying e outras violências sofridas pelas mulheres no campo digital, somente com o Cyberfeminismo, e isso é o que tem de mais fantástico, pois são mulheres se

reunindo para compartilhar assuntos, promover hashtag pela equidade de gênero.

Nós precisamos compreender que o recurso digital é muito bom quando bem usado, e que ninguém sabe como a outra pessoa usa a sua imagem íntima. Por isso, tenhamos muito cuidado quando pensarmos em enviar uma imagem nossa.

Se você foi vítima de crime digital eu vou te ajudar colocando aqui um passo a passo.

- Faça uma imagem registrando o crime virtual (o famoso print), seja da imagem, mensagem de ameaça ou qualquer outra forma de constrangimento;
- Como a fotografia pode ser manipulada, é preciso seguir o passo seguinte:
- Faça o registro no Cartório Civil fazer o registro da imagem;
- Procure um coletivo de mulheres que trata de violência de gênero em ambiente virtual (ou algum outro que você conheça para te dar suporte, acompanhar);
- Procure um advogado privado ou público (Defensoria Pública);
- **Vá à delegacia especializada de crimes digitais (se houver) ou delegacia comum acompanhada**

Coisas de menino e coisas de menina:

a institucionalização das relações sexistas no espaço familiar¹²

Para concluir a nossa conversa, que tal agora um papo sério e também para o futuro? Afinal, as crianças são a nossa esperança para um país, quiçá mundo, com equidade de gênero.

Então, tenta imaginar seguintes cenas:

28

Cena 1: Durante um feriado uma família numerosa composta por filhos e filhas casados e acompanhados de seus cônjuges e filhos e filhas, se reúne na casa dos pais. Durante toda a manhã, as mulheres da família se ocuparam de preparar a comida enquanto os homens estavam sentados bebendo vinho e conversando. Na hora de servir o almoço, a mesa não comportava todas as pessoas. Então a matriarca fala:

- “As mulheres fazem o prato e sentam no sofá e os homens sentam aqui na mesa”

Cena 2: Uma família constituída pelos pais e um casal de filhos. Os filhos, ao chegarem do colégio, escutam: “Maria, venha me ajudar a preparar a mesa para o almoço”. A filha indaga, “E João? Chame ele também”. Eis que a mãe responde:

– “Ele é menino!”

Cena 3: Uma mulher estaciona seu veículo e ao sair do carro o flanelinha comenta:

- “A senhora dirige igual a home!”

A mulher então indaga:

- “Não entendi! Como assim, dirijo igual a homem?”.

O flanelinha explica: - “É que a senhora faz a baliza bem direitinho!”

Essas cenas lhe são familiares? Elas são reais. São algumas de tantas outras que já vivenciei e acredito que você também não as estranhou. Algumas pessoas podem até estar se perguntando, “Mas afinal, qual o problema nessas cenas?!” Observe que nos três cenários descritos, a mulher é sempre colocada num lugar aquém ao homem, pelo simples fato de ser **mulher**. Situações como essas são corriqueiras e “naturalizadas”. Note que em duas delas o protagonismo sexista é promovido por duas mulheres que provavelmente não percebem que aqueles “simples comentários” estão carregados de sentido e que estão colaborando para a construção de uma educação sexista. É importante lembrarmos que a educação se dá nos diferentes espaços da sociedade e de modo mais efetivo na família e na escola. Educamos mais com nossos exemplos do que com nosso discurso.

Neste sentido, a luta pela igualdade de gênero precisa estar presente em políticas públicas conforme preconizado pela ONU, nos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), que estabelece como uma das metas “Promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres”. Entendemos que a escola é um espaço privilegiado não só para as discussões, mas para a materialização da equidade nas relações de gênero que acontecem em sua rotina.

Contudo, é necessário que a equidade entre os gêneros seja também discutida no âmbito familiar, já que a todo instante estamos educando nossas crianças. Quando presentamos as meninas com um fogão, uma casinha e tantos outros objetos relacionados aos afazeres domésticos e escolhemos carrinhos, helicópteros, jogos e brinquedos dessa natureza para os meninos, ensinamos de modo lúdico sobre o papel de ser mulher e homem na sociedade sexista. Estamos também, ainda que de modo inconsciente, mostrando as “escolhas” que elas podem fazer. Contudo, qual o problema de se presentear uma menina com um carrinho, uma bola, um jogo de lógica? Perguntas simples como essas precisam permear os espaços familiares. Você já presenteou uma menina com “brinquedo de menino?” Você já parou para pensar sobre essas questões?

**Muito Obrigada por ler até
aqui a nossa colaboração
para uma sociedade mais
justa e de oportunidades
para todas.**

GLOSSÁRIO¹³

Associações são entidades privadas formadas por pessoas com interesses em comum que se organizam para a realização de atividades sem fins lucrativos.

Cidadania é a condição de um indivíduo de exercer os seus direitos dentro da sociedade ao qual faz parte, atrelada ao cumprimento de seus deveres.

Controle de natalidade feito pelo Estado são medidas governamentais que buscam a solução para o crescimento populacional por meio de medidas de intervenção no seio privado.

Cooperativas são entidades que têm finalidade econômica e se caracterizam por serem organizações de pessoas com interesses em comum, com o objetivo de desenvolver determinada atividade.

Democracia é um regime de governo que garante o direito à participação política a todos os cidadãos que elegem os seus representantes.

Elegibilidade se refere às condições para ser eleita, no caso, para cargos políticos e públicos.

Elite social é um grupo dominante que pertence a uma camada hierárquica superior em uma sociedade formada por estratificação social.

Escrita abolicionista é um meio de libertação, é uma escrita que visa a liberdade, que escapa dos grilhões da escravidão, que quebra todos os vínculos que aprisionam; e busca romper com a ideia colonial, machista, classista, sexista e com todas as forças arcaicas que nos prendem.

Espaços gendrados são espaços de produção de diferenças sexuais que perpetuam a cultura do patriarcado.

Igualdade de direitos remete à ausência de diferenças de direitos e deveres entre os indivíduos de uma sociedade, independente de gênero, classe, etnia, orientação sexual.

Inconsciente é a parte mental que se desenvolve sem a intervenção da consciência.

Independência feminina é a condição das mulheres terem liberdade e autonomia, em condições de igualdade de gênero, é a liberdade de crescimento intelectual, profissional e social de mulheres em busca de um ambiente igualitário.

Interseccionalidade é uma teoria que aborda os múltiplos sistemas de opressão relacionados à raça, gênero e classe.

Liberdade sexual é o direito ao exercício da sexualidade, garantindo a liberdade da livre orientação sexual.

Maternidade real diz da qualidade de ser mãe, com todas as suas atribuições e sentimentos, sejam eles positivos ou negativos. Esse conceito busca desromantizar a ideia de uma maternidade perfeita, e discutir uma realidade também sofrida, desesperadora e caótica.

Mulheres empreendedoras são aquelas que idealizam e comandam projetos e negócios, quebrando paradigmas quanto à capacidade de liderança das mulheres.

Narrativas infantis são narrativas voltadas para as crianças, compostas por estruturas literárias mais simples e de fácil assimilação.

Nômades são aqueles que não possuem habitação fixa, que estão em constante mudança, à procura de melhores condições de sobrevivência ou por razões culturais.

Ondas feministas são os momentos em que se dividem a história do movimento feminista. Normalmente se fala em três ondas do movimento feminista, cada uma com uma luta das mulheres em evidência. A primeira onda, do fim do século XIX até meados do século XX, foi caracterizada pela reivindicação do direito ao voto feminino e à participação política e na vida pública. Na segunda onda, de meados dos anos 1950 até os anos 1990, efervescem discussões e reivindicações sobre as condições de exploração da mulher na sociedade. Já a terceira onda, a partir

dos anos 1990, traz à tona a problematização de temas como estupro, patriarcado, sexualidade e empoderamento feminino.

Padrões arcaicos são padrões e normas determinadas e aprovadas por uma maioria, mas que vem de momentos anteriores, não sendo problematizados com o desenvolvimento da sociedade.

Papel opressor é determinado por uma dominação de uma pessoa com relação a outra. Essa opressão pode ser caracterizada de diversas formas, inclusive com o uso de violência física ou tortura psicológica.

Paradigma é um exemplo, um modelo ou padrão seguido por uma cultura ou sociedade.

Planejamento familiar é um conjunto de ações pensadas e tomadas de forma a planejar o crescimento de uma família, com a chegada ou não de filhos.

Políticas públicas para as mulheres são ações previstas em um plano político para enfrentar as desigualdades entre mulheres e homens em uma sociedade.

Pressão social é um conjunto de normas e padrões que, direta ou indiretamente, influenciam e impõem o comportamento de indivíduos dentro de uma sociedade.

Quebra de paradigmas é o rompimento com um padrão seguido, de forma a que um novo modelo ou padrão seja desenvolvido.

Representadas, em termos políticos, está ligado a discussões e projetos de leis e ações que envolvam questões ligadas às reivindicações e necessidades das mulheres.

Representantes são indivíduos, neste caso, mulheres, que se colocam a serviço da luta feminista, dos direitos das mulheres, buscando a igualdade de gênero e lutando pelas pautas levantadas pelas mulheres.

Representatividade é a expressão dos interesses de um grupo a partir de um representante.

Sistema patriarcal é um sistema sociopolítico no qual o poder pertence aos homens, colocando o gênero masculino em superioridade a outros gêneros e orientações sexuais.

Sociedade patriarcal é uma sociedade cujo sistema sociopolítico que se instaura é o sistema patriarcal.

Suplência parlamentar é uma posição de membro substituto do titular de um mandato parlamentar.

Violência obstétrica é caracterizada, pela Organização Mundial de Saúde, como abusos, desrespeito e maus-tratos sofridos por mulheres durante o parto em instituições de saúde.

Violências médicas são abusos, desrespeito e maus-tratos sofridos por indivíduos praticados por médicos em situações de saúde.

Visibilidade de mulheres são as condições que permitem que as mulheres tenham representatividade, que sejam valorizadas e reconhecidas por suas ações e trabalhos.

Vulneráveis são aqueles que estão desprotegidos, suscetíveis à opressão, por não terem necessidades mínimas atendidas.

INDICAÇÕES DE AUDIOVISUAL

Você gosta de filmes, documentários e seriados? Trouxe algumas indicações de audiovisuais para você assistir, refletir e conversar com outras pessoas sobre a temática de gênero em feminismo e outras vertentes. Agora faz aquela pipoquinha e curte o final de semana inteirinho.(fazer um destaque)

- ✓ O zoológico de Varsóvia
- ✓ Se eu fosse você
- ✓ A sociedade literária e a torta de casca de batata
- ✓ Cisne negro
- ✓ Tomates verdes fritos
- ✓ Que horas ela volta?
- ✓ Adoráveis Mulheres
- ✓ Um senhor estagiário
- ✓ Roma Preciosa
- ✓ Jogos vorazes
- ✓ Comer, rezar e amar
- ✓ Malévola
- ✓ Mulan
- ✓ Histórias Cruzadas

- ✓ A Dama de Ferro
- ✓ O Sorriso de Monalisa
- ✓ Olga
- ✓ Ori
- ✓ Enrolados
- ✓ Uma história Severina
- ✓ Menina de ouro
- ✓ Garota interrompida
- ✓ Frida
- ✓ Alice no país das maravilhas
- ✓ As Sufragistas
- ✓ Rachel Carson
- ✓ O gambito da rainha
- ✓ Malala

- ✓ A mulher mais odiada do mundo
- ✓ Garota Dinamarquesa
- ✓ Sitara
- ✓ Orange is the new black
- ✓ Reinado
- ✓ Retrato de mulher
- ✓ Acorda Raimundo... Acorda
- ✓ O próximo comentário dispensa apresentação com David Letterman – episódio com Malala Yousafzai
- ✓ Madam C.J. Walker
- ✓ As telefonistas
- ✓ Eu não sou um homem fácil
- ✓ De gravata e unha vermelha
- ✓ O espanta tubarões

- ✓ Absorvendo o tabu
- ✓ Moana
- ✓ Nise: O Coração da Loucura
- ✓ Feministas: O Que Elas Estavam Pensando?
- ✓ Gloria Allred – Justiça para Todas
- ✓ Daughters of destiny
- ✓ Amarelo – É tudo pra ontem
- ✓ Afronta!
- ✓ A ganha-pão
- ✓ Anne with “E”
- ✓ A lição de Moremi
- ✓ Mulheres Arte Revolução (!Women Art Revolution, 2010)

INDICAÇÕES DE LEITURA

E se você gosta de ler, vamos indicar também uma lista de variedades de escritas de e por mulheres. Lembra de que há outras indicações nos textos e também nas referências, está certo?

1. O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres, de Naomi Wolf
2. Lugar de fala, de Djamilia Ribeiro
3. Interseccionalidade, de Carla Akotirene
4. Empoderamento de, Joice Berth
5. História das mulheres no Brasil, de Mary Del Priore (organizadora)
6. Feminismo em comum para todas, todes e todos, de Marcia Tiburi
7. Mulheres como chefes de família: retalhos da Paraíba, do Nordeste e do Brasil, de Isabel Lausanne Fontgalland
8. Prisioneiras: vida e violência atrás das grades, de Bárbara Musumeci Soares e Iara Ilgenfritz
9. Hibisco roxo, de Chimamanda Ngozi Adichie
10. Para educar crianças feministas, de Chimamanda Ngozi Adichie
11. Dossiê Super Interessante - 70 mulheres que mudaram o mundo
12. Esse cabelo, de Djaimilia Pereira de Almeida
13. Mulheres, raça e classe, de Angela Davis
14. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica, de Joan Scott

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Sobre mulheres, escrita e resistência: desafios contemporâneos. **Interdisciplinar**, São Cristóvão, UFS, v. 32, jul.-dez., p. 13-26, 2019. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/12863/9696>. Acesso em: 05 dez. 2020.

ANDRADE, Rani. Representatividade: o que isso significa? **Politize**, 15 de maio de 2020 [online]. Disponível em: <https://www.politize.com.br/representatividade/>. Acesso em: 10 de dez. 2020.

BOBBIO, Norberto Bobbio. **Dicionário de Política**. Brasília: Editora UnB, 1998.

CARTA Capital. Ainda precisamos falar sobre as mulheres na política. Seção Sociedade, [online], 08 de março de 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/ainda-precisamos-falar-sobre-as-mulheres-na-politica/>. Acesso em: 05 de dez. 2020.

CONSÓRCIO Lei Maria da Penha pelo Enfrentamento a Todas as Formas de Violência de Gênero contra as Mulheres (Org.). **Tecendo Fios das Críticas Feministas ao Direito no Brasil**. 2019. Disponível em: <https://www.cfmea.org.br/index.php/publicacoes/4752-tecendo-fios-das-criticas-feministas-ao-direito-no-brasil>. Acesso em: 10 de dez. 2020.

COSTA, Maria Alice; COELHO, Naiara. A(R)TIVISMO FEMINISTA: INTERSECÇÕES ENTRE ARTE, POLÍTICA E FEMINISMO. **Confluências: Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito**, v. 20, n. 2, p. 25-49, 2018.

CRUZ, M. S. (2019). **Do campo para a cidade**: estudo sobre feiras livres, abastecimento urbano e comercialização da agricultura familiar no Alto Jequitinhonha. Dissertação (Mestre em Sociedade, Ambiente e Território). Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade Estadual de Montes Claros. 146p.

DEUS, Lara. Violência obstétrica: o que é, tipos e leis. **Minha vida**, [s.a.], [online]. Disponível em <https://www.minhavidacom.br/familia/tudo-sobre/34875-violencia-obstetrica#:~:text=N%C3%A3o%20existe%20uma%20lei%20definindo,uma%20viola%C3%A7%C3%A3o%20dos%20direitos%20humanos>. Acesso em: 05 de dez. 2020.

FERNANDES, Cláudio. Família patriarcal no Brasil. **BRASIL ESCOLA**, [online]. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiab/familia-patriarcal-no-brasil.htm>. Acesso em: 07 de dezembro de 2020.

FERREIRA, Glória. **Pancake 2001**. Márcia X. 2005. Disponível em: <http://marciax.art.br/mxText.asp?sMenu=4&sText=33>. Acesso em: 5 dez. 2020.

HARARI, Y. N.(2011). **Sapiens**: Uma breve história da humanidade.

JANSEN, Mariana. Violência obstétrica: por que devemos falar sobre? **Politize**, 19 de setembro de 2019 [online]. Disponível em: <https://www.politize.com.br/violencia-obstetrica/>. Acesso em: 05 de dez. 2020.

LITERAFRO: O portal da literatura afro-brasileira. [online] Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/24-textos-das-autoras/929-conceicao-evaristo-olhos-d-agua>. Acesso em: 05 dez. 2020.

LITERAFRO: O portal da literatura afro-brasileira. Conceição Evaristo – Becos da memória. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/24-textos-das-autoras/931-conceicao-evaristo-becos-da-memoria>. Acesso em: 05 dez. 2020.

MARION, A. A.; BONA, A. (2016). **A importância da mulher na agricultura familiar**. Curso de Cooperativismo Solidário e Crédito Rural. Publica Cresol. Francisco Beltrão, p. 1-11.

MENINGUE, Juliana. **7 cineastas brasileiras que merecem mais reconhecimento por suas obras**. Não me KHALO. 2020. Disponível em: <https://naomekahlo.com/7-cineastas-brasileiras-que-merecem-mais-reconhecimento-por-suas-obras/>. Acesso em: 5 dez. 2020.

RODRIGUES, Suzana. Da luta contra a escravidão até o direito ao voto e à vida, a luta por direitos sempre esteve presente na história das brasileiras. **Revista Azmina**, 21 de janeiro de 2020, [online]. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/feminismo-no-brasil>. Acesso em: 07 de dezembro de 2020.

ROHDEN, G. K.; GONÇALVES, E. M.; LOPES, R. V.; KEITEL, Â. S. (2019). A importância da mulher na agricultura familiar. **Plataforma de Submissão de Trabalhos e Anais de Eventos da Unicruz**.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 14ª edição. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SILVA, Valéria da Henriette. O padrão da beleza imposto pela mídia. **Observatório da imprensa**, Diretório acadêmico, ed. 794, de 15 de abril de 2014 [online]. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/_ed794_o_padrao_de_beleza_imposto_pela_midia/. Acesso em: 05 de dez. 2020.

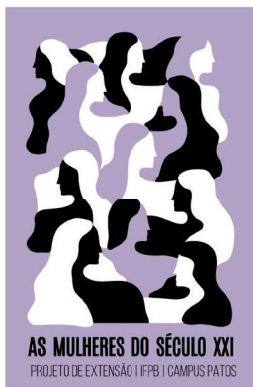
SILVEIRA, Daniel. Em ranking de 190 países sobre presença feminina em parlamentos, Brasil ocupa a 152ª posição. **G1**, Rio de Janeiro, de 07 de março de 2018. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/em-ranking-de-190-paises-sobre-presenca-feminina-em-parlamentos-brasil-ocupa-a-152-posicao.ghml>. Acesso em: 05 de dez. 2020.

STUQUE, Jéssica. **5 mulheres brasileiras que retratam o machismo nas artes visuais**. SOUL ART. 2018. Disponível em: <https://soulart.org/artes/5-mulheres-brasileiras-que-retratam-o-machismo-nas-artes-visuais>. Acesso em: 5 dez. 2020.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Os desafios da escrita feminina na história das mulheres. **Raído**, Dourados, MS, v.10, n.21, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/download/5217/2737&ved=2ahUKEwipvYLVgLrtAhXTUjUKHSJbDHQQFjAAegQIARAB&usg=AOvVaw3RF0jv1BNBVEyiTWWIdYGD>

YÚDICE, George. **A conveniência cultural**: usos das cultura na era global. Tradução de Marie-Anne Kremer. Coleção Humanitas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ZOUEIN, Luís Henrique Linhares. Ainda precisamos falar sobre a violência obstétrica. **ConJur**, 26 de novembro de 2019 [online]. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2019-nov-26/tribuna-defensoria-ainda-precisamos-falar-violencia-obstetrica>. Acesso em: 05 de dez. 2020.



ISBN 978-65-86212-71-6



9 786586 212716 >

